

CENA I

Quarto de crianças com cama beliche, pequena estante com livros. Ao fundo ouve-se uma TV ligada

MÃE: (Fora). Agora já chega!

BETO: (Fora). Ah, só mais cinco minutos!

MÃE: (Fora). Os cinco minutos já passaram há muito tempo! Já pra cama. (Beto e Mãe entram. Ele trepa na cama, atira seu bicho de pano - Lulu - no chão).

MÃE: Senão você não consegue acordar cedo amanhã e chega atrasado na escola. Boa noite. (Pega o Lulu, dá a Beto e sai).

BETO: Manhê! Manhê!

MÃE: (Fora). O que foi?

BETO: Eu não consigo dormir!

MÃE: (Fora). Claro que consegue. Você já tá caindo de sono.

BETO: Eu não! Tô bem acordado! Olha só! (Gira ruidosamente na cama. A mãe entra). Tá vendo?

MÃE: Agora fica quieto! Fecha os olhos que você dorme num instante. Você já tá com o olhinho pequenininho. Boa noite! (Quase saindo).

BETO: Mãe, mãe, mãe!

MÃE: O que?

BETO: Me dá um espelho? Eu preciso de um espelho.

MÃE: O que é que você quer fazer com um espelho?

BETO: Eu quero ver meu olhinho pequenininho. (Faz a mãe achar graça).

MÃE: Ah, Beto, deixa eu ir agora.

BETO: É verdade, mãe, meu olho tá bem grande!

MÃE: Chega de gracinha.

BETO: Diz assim: "Vovó, pra que esse olho tão grande?"

MÃE: Eu não vou dizer mais nada! E você também não! Boa noite! (Sai).

BETO: Mãe! Mãe! Tô com sede!

MÃE: (Fora). Você já bebeu dois copos d'água. Se beber mais, vai fazer xixi na cama.

BETO: Eu não! Eu tô morrendo de sede! Eu tenho que beber alguma coisa. Manhê

MÃE: (Trazendo um copo, entrega a Beto). Pronto! Agora chega! Fica quietinho. (Sai).

Beto dá de beber a Lulu, desce da cama, entorna o resto fora e vai até a porta. A mãe volta e fica parada na porta. Beto lhe devolve o copo.

MÃE :O que foi dessa vez?

BETO: Eu... eu... tenho que lavar o meu copo.

MÃE: Você vai já pra cama! (Beto corre até sua mochila e fica remexendo qualquer coisa). O que é que você tá procurando aí?

BETO: Quero ver se a minha borracha tá aqui dentro.

MÃE: Betinho, você sabe muito bem que está. Hoje de tarde nós arrumamos sua mochila com todo o cuidado. (Ela guarda o copo, O estojo e a borracha dentro da mochila).

BETO: Mãe! (Tira o copo da mochila e dá para a mãe). Deixa a porta bem aberta?

MÃE: Mais uma palavra e eu deixo ela bem fechada! (Com medo de verdade). Não! (Tropa correndo na cama. A mãe sai). Mãe, mããe, tem uma coisa muuuuito importante. Mamãããe, vem correndo!!!

MÃE: O que é que houve?

BETO: Mamãe!... é...é... mãe, manhê... Lembra daquele palhaço no circo... naquela hora que a calça dele caiu e o suspensório da calça era de elástico e aí... pum!...

MÃE: Lembro. Era muito engraçado. Foi só para isso que você me chamou?

BETO: Eu vou ganhar um revólver de aniversário?

MÃE: De mim pode ter a certeza de que não vai.

BETO: Mãe, eu posso também ter a certeza que você não vai embora daqui de casa?

MÃE: Pode.

BETO: Muita, muita certeza?

MÃE: Claro que eu não vou embora.

BETO: Me dá boa-noite!

MÃE: Eu já te dei boa-noite.

BETO: Mas não deu direito.

MÃE: Eu não aguento mais! Eu também tenho o direito de descansar. Eu também quero ver a minha televisão! O filme já começou há muito tempo! Tudo tem que ser você... você... você..! Em mim ninguém pensa!!! (Quase chorando).

BETO: O filme deve ser muito ruim.

MÃE: Como é que você sabe?

BETO: Você sempre diz isso, quando não quer que eu veja... você ficou triste?

MÃE: Fiquei sim.

BETO: Eu também. (Levanta, pega sua coberta e começa a descer da cama).

MÃE: O que foi agora?

BETO: Vem. Vamos pra sua cama. Vou ficar com você pra te consolar.

MÃE: (Faz ele voltar pra cama e o cobre). Fica aqui, na sua cama! Senão, você vai ver uma coisa!

BETO: Mas eu quero dormir com você! (Quase chorando). Eu tenho medo... de ficar sozinho!

MÃE: Medo de que?

BETO: De fantasma.

MÃE: O quê? Você já está bem grandinho para acreditar nessas bobagens.

BETO: Mas esses bichos horríveis que aparecem no escuro?

MÃE: Besteira! Você só pensa nisso. Pensa em alguma coisa bonita! Aí você vai ter sonhos bonitos também. Tá? Boa noite, meu homenzinho.

BETO: Mãe! Em que coisa bonita eu penso?

MÃE: Ora... nas férias! Ou então pensa que a Teca vai voltar amanhã!

BETO: Ih! (Beto atira o Lulu no chão).

MÃE: Ué, por que "ih"? Você não gosta da sua irmãzinha?

BETO: Ela é chata.

MÃE: Beto! A Teca é menor que você e tá no CA ainda. Mas chata ela não é.

BETO: Você gosta mais da Teca do que de mim

MÃE: (Última tentativa). Betinho? (Dá o Lulu al ele).

BETO: O que?

MÃE: Betinho, você é pra mim o melhor menino do mundo. Você e a Teca.

BETO: Tá vendo? (Toma a atirar o Lulu no chão).

MÃE: O que é isso? Eu não posso gostar da Teca?

BETO: Aghhh!

MAE: E não tem nada que ficar com medo. (Faz menção de sair).

BETO: Tenho sim!

MÃE: (Vai até ele, apanha o Lulu, sobe até a metade da cama, cobre-o, e lhe entrega). Não, meu amor. Amanhã, sabe, a gente vai tentar descobrir o que é que está te provocando esse medo. Vamos dar um jeito de mandar ele embora.

A gente vai ver como é que faz, tá? (Acaricia-o). Eu queria tanto ir me deitar, mas ainda tenho que passar a roupa toda... Eu to aqui do seu lado, viu? E não vai sentir mais medo, tá? Beto?... Beto?... dormiu! E eu perdi o começo do meu filme! (Suspira e sai).

Blecaute.

CENA 2

Quarto das crianças. Entra Teca. Vem cantando já de fora a música do seu programa de TV predileto. Tem nos braços um enorme monstro de pano: Fofão. Carrega uma mala que ela coloca em cima do baú e abre. Beto entram com a mãe.

MÃE: Então você trouxe alguma coisa pra gente?

TECA: (Continua cantando. Tira primeiro roupas sujas da mala, atirando-as para trás, por cima da cabeça. Apanha um biquíni que coloca sobre o corpo). Não é uma graça?

BETO: Horrível!

TECA: Não! É lindo! Presente da vovó. O de vocês já vem. (Joga outras coisas para fora da mala e finalmente encontra uma aranha de borracha que atira na mãe). Pega, mãe!

MÃE: (Gritando, deixando cair a aranha). Que nojento!

TECA: Foi a vovó que me deu.

BETO: Eu quero ela pra mim!

TECA: Não senhor! É o bichinho de estimação do Fofão. (Coloca a aranha no colo do bicho).

MÃE: Vovó não mandou nenhum recado pra mim?

TECA: Mandou. (Atira sapatos pra fora da mala).

MÃE: (Repreendendo-a). Teca!

TECA: (Carinhosa). Ela mandou um beijo! (Pega um vidro de geleia caseira de dentro da mala). Toma. É pra você. Vovó que fez.

MÃE: Ah, obrigada... e o que foi que você trouxe para o Beto?

BETO: Um revólver!

TECA: Perai. Virem de costas os dois! Não podem olhar. (Debruça-se sobre a mala). Podem olhar agora! (Volta-se subitamente com a máscara de borracha de horror, assustando Beto, a mãe e o público).

BETO: Uau! Eu não ganho nunca um presente assim!

TECA: (Tirando a máscara que entrega a Beto). Pode ficar, é pra você...

BETO: Mesmo? Valeu! (Coloca a máscara).

MAE: (Apanhando as roupas sujas). Agora eu tenho que ir cuidar dessas roupas sujas. Se vocês quiserem, podem ir brincar um pouco na pracinha.

BETO: (Com a máscara). O homem de areia está lá!

MÃE: (Empurrando-o para fora do quarto). Tá bom. Já chega, Beto!

TECA: Eu vou ver televisão!

MÃE: Não senhora! Pelo menos hoje, nada de televisão. Vai trocar esse sapato. (Para Beto). E você vai apanhar a sua mochila lá na cozinha. (Sai com Beto).

TECA: (Subindo na cama de cima, deixa cair tudo. Zangada). Droga! (Embrulha suas roupas de cama, tropeça ao subir a escada e cai. Escala com esforço a cama, deixa suas coisas em cima e atira as roupas de cama de Beto e o Lulu no chão. Faz a sua cama e canta triunfante a sua música)

BETO: (Entra com a mochila escondendo o rosto, vestido com a máscara nova. Dirige-se para a cama de baixo para assustar Teca. Teca vê tudo do alto). Búúú! (Percebe que Teca está em cima). Desce daí! Essa é a minha semana de dormir em cima. (Bate em Teca, errando a princípio, mas finalmente acertando. Teca grita).

MÃE: (Entrando, se assusta com o Beto mascarado). Vocês têm que viver sempre brigando

TECA: O Beto me bateu!

BETO: Não bati!

MÃE: (Para Beto). O que é que a sua roupa de cama está fazendo no

chão? Que coisa!

BETO: Não fui eu! Foi a Teca que jogou.

TECA: Dedo-duro!

BETO: Você mesma disse que essa era a minha semana de dormir em cima!

TECA: Você dormiu em cima o tempo todo que eu estava na casa da Vovó.

BETO: O tempo não conta!

MÃE: Vamos parar com essa briga de uma vez por todas. Hoje, na hora do jantar a gente resolve isso.

TECA: E além disso ele sempre me acorda de manhã, na hora de ir pra escola e pisa na minha cama com aquele pé fedorento. Sclassh! Clatch! Crinch! Clash! Chuck!

BETO: Mentira! Você já tá sempre acordada há um tempão.

TECA: Isso é porque você fica soltando pum na minha cara!

MÃE: Teca!

TECA: E além disso eu sou a Lindinha e ela sempre dorme no alto e pronto. Senão, eu vou voltar agora mesmo pra casa da vovó.

BETO: Então vai, vai logo!

MÃE: Para com isso! Hoje a Teca dorme em cima. E de sexta-feira em diante é a vez do Beto.

TECA: (Pondo a língua pra fora). Blahhh!

BETO: Isso é injustiça! Você tá sempre do lado da Teca. Sempre!

MÃE: Agora, chega! Todo mundo aqui tem os mesmos direitos. Além do que, você é o mais velho e podia ser mais compreensivo. Agora a Teca vai apanhar o boneco de pano e vocês dois vão brincar na pracinha até a hora do lanche. Até logo. (Sai).

BETO: (Senta-se indignado. Teca chuta o Lulu). Agora chega! (Corre atrás dela, sem, contudo, alcançá-la).

TECA: Mamãe! Manhê! Mãe! O Beto tá me batendo de novo!

MÃE (Entra correndo e sacode o Beto). Deixa a Teca em paz! Que coisa mais feia!

BETO: Tudo eu! Tudo eu! Foi ela quem chutou o meu Lulu.

MÃE: (Para Teca que cuidadosamente coloca o boneco de Beto na cama). Muito bem. Agora os dois pra pracinha! Até as seis. (Sai).

BETO: Você é uma burra!

TECA: Uma burra voadora.

BETO: Eu não quero dormir em cima mesmo... De jeito nenhum!

TECA: (Espantada, põe a cabeça pra baixo). Como assim?

BETO: Em baixo é muito melhor. (Entra para dentro da cama).

TECA: Eu não acredito... Por que?

BETO: (Constrói um abrigo com a coberta). Eu tenho um esconderijo aqui em baixo!

TECA: (Constrói também um pra si). Eu também!

BETO: Que coisa mais sem graça. Um esconderijo no alto! Ah, aqui dentro é muito maneiro. Tem até uma passagem pra debaixo da cama. Que delícia...

TECA: (Se debruçando de cabeça pra baixo). Posso entrar também?

BETO: Só dá pra passar um!

TECA: Eu também quero experimentar.

BETO: Você não pode. Fica aí em cima sozinha até quando os fantasmas da noite vierem e te empurrarem lá em baixo, no frio!

TECA: Vamos trocar?

BETO: Lá em cima, eu? Eu não sou bobo!

Beto e Teca

Texto de Volker Ludwig e Birger Heymann
Tradução de Renato Icarahy

TECA: Só um pouquinho...

BETO: Tá bem. (Eles trocam. Teca, embaixo das cobertas não escuta nada). Caiu, caiu, caiu! Caiu primeiro de abril! Agora eu tô em cima! Lindinha no buraco! Que ridículo! Aqui em cima é muito melhor.

TECA: (Saindo de baixo das cobertas). Que barato! Vou ficar aqui embaixo pra sempre!

BETO: (Olha intrigado pra baixo). Como assim? Em cima é muito melhor!

TECA: Nada disso. Fica aí em cima com os fantasmas. Vem Fofão. Vem cá com a Lindinha no buraco dos bichinhos. Pode trazer a sua aranhazinha!

Música: Em cima, em baixo

BETO: Tô em cima, que barato! Sou o maior, eu sou o mais alto.

TECA: Tô em baixo numa boa, Mais pertinho das pessoas.

BETO: Aqui em cima estou contente, Vejo tudo diferente.

TECA: Aqui embaixo estou feliz: Não cai chuva em meu nariz!

BETO: Aqui em cima é bem melhor: Vejo tudo ao meu redor!

TECA: Eu prefiro estar em baixo: Se eu cair não me esborracho.

BETO: Aqui o sol é mais brilhante!

TECA: Aqui é mais aconchegante!

OS DOIS: Nem sei mais do que é que eu gosto:

BETO: Se é em cima,

TECA: Se é em baixo,

TECA: Se é em baixo

BETO: Se é em cima,

OS DOIS: Que é melhor.

Blecaute.

CENA 3

Pracinha. No meio, um trepa-trepa, ao lado uma caixa de areia. Pedro sobe, olha em torno, brinca sozinho com uma corda. Beto e Teca chegam.

BETO: Mamãe disse pra eu te segurar pela mão! Você ainda é muito criança pra andar sozinha na rua.

TECA: Assim você me arranca o braço.

BETO: Se eu não te segurar com força, você sai correndo e morre atropelada. Depois quem leva a bronca sou eu.

TECA: Não tem bicicleta nenhum aqui pra me atropelar! (Libertando-se).

PEDRO: Fora daqui! (Da tiros com um revólver de plástico. Beto e Teca se abraçam). Fora daqui! (Faz sinais com as mãos).

TECA: Quem é esse?

BETO: Eu não conheço. Ele é novo aqui!

PEDRO: Zona proibida! Quem se aproximar, leva um tiro (Aponta para ele se atira)

TECA: É proibido atirar! (Pedro continua a dar tiros). Então a gente vai ver Televisão

BETO: A gente não pode!

TECA: Droga, então vamos brincar na areia.

BETO: (Para Pedro ouvir). Então vamos brincar na areia! (Dirigem-se para a caixa de areia)

PEDRO: Quem brinca na areia é mulherzinha! Quem brinca na areia é mulherzinha

TECA: Quem dá tiro é bobalhão! Quem dá tiro é bobalhão!

BETO: (Com medo, para Teca). Você ficou maluca?

TECA: Quem dá tiro é bobalhão.

PEDRO: (Pedro descendo do trepa-trepa). Que é que você disse? (Vai até eles, empurra Teca para um lado e fala com Beto). Repete! Repete se tu é homem! (Beto foge). Covarde! (Volta a subir no brinquedo. Beto pega uma lata e se esgueira por detrás do brinquedo. Teca o segue. No momento em que vai atirar a lata, Pedro se volta. Beto joga a lata para Teca como se nada tivesse acontecido)

BETO: Pega, Teca!

PEDRO: Fora daqui, já disse! Senão, vão levar um tiro na bunda! (Aponta o revólver).

BETO: Que cara chato... já sei! Vem cá!

TECA: Que é que tem aí?

BETO: Olha, um porco-espinho!

TECA: Eu não estou vendo porco-espinho nenhum.

BETO: Olha só! Um porco-espinho de verdade! (Sussurrando). Finge que é verdade! É um truque do Tarzan!

TECA: Mas aqui não tem nenhum!

BETO: Puxa! Que legal! (Sussurra). Faz também! É por causa dele!

TECA: Ah, é! Que gracinha! Um porco-espinho! Do tamanho de um cachorro.

BETO: (Baixo). Não inventa!

TECA: Do tamanho do Mickey! Vou fazer uma festinha nele.

BETO: (Alto). Nesse aí você não pode fazer festinhas. Ele espeta!

PEDRO: Que é que vocês estão vendo aí, seu são covardes?

BETO/TECA: Um porco-espinho! Um porco-espinho de verdade!

PEDRO: Mentira! Pega ele para eu ver!

BETO: Eu, hein! Pegar num porco-espinho!... Pega você!

PEDRO: Você duvida?

Beto e Teca

Texto de Volker Ludwig e Birger Heymann
Tradução de Renato Icarahy

BETO: Duvido!

PEDRO: Quer apostar que eu pego?

BETO: Quer apostar que não pega?

PEDRO: (Descendo). Onde é que está?

BETO: Aqui! Olha, ele correu para lá! (Pedro vai até eles e procura).

PEDRO: Sai daí. Deixa que eu apanho. (Teca e Beto sobem no trepa-trepa e sentam-se lá em cima).

BETO: Ha! Ha! Caiu feito um patinho! Viva Tarzan! Tarzan, o vingador!

TECA: Lindinha! Lindinha superpoderooooosa!

PEDRO: Vocês vão ver só! Seus covardes mentirosos! (Puxa a perna da Teca. Ela esperneia. Beto fica com medo, pula e tenta fugir).

TECA: (Morrendo de medo). Beto! Bate nele! (Pedro puxa sua perna). Bate nele por trás.

BETO: (Voltando-se). Seu bunda suja! (Pedro larga a Teca e avança para Beto. Teca grita para distraí-lo. Pedro toma a perseguir Beto que dá um grito e sai correndo. Teca corre atrás dele gritando).

PEDRO: Ei, eu não encontrei nada lá, seus covardes.

Blecaute.

CENA 4

MÃE: Quarto das crianças. Teca sentada no baú. A mãe penteia-lhe os cabelos

MÃE: Ele era de que tamanho?

TECA: Quem?

MÃE: O menino.

TECA: O menino? Que menino?

MÃE: O do revólver.

TECA: Ah, o menino mau. Ele era grande.

BETO: (Aparece escovando os dentes). Imenso!

MAE: De que tamanho?

TECA: (Levantando os braços tão alto quanto possível, falando com esforço). Assim.

MÃE: Verdade, Beto?

BETO: (Levantando-se na ponta dos pés, com o braço esticado). Assim. (Depois, baixando um pouco a mão). Ééé... assim.

TECA: (Levantando a mão de Beto na altura do ombro). Assim...

BETO:(De cócoras, com a mão para o alto). Assim!

TECA: (Empurrando o Beto). Quase do tamanho do Beto! Agora a gente não pode nunca mais brincar na pracinha. Vou ter que ficar em casa vendo televisão...

MÃE: Essa não! Vocês dois juntos terem medo de um menino que ainda é menor do que o Beto?...

BETO: E se ele me der um tiro no olho? (Dá tiros com a escova de dentes). Bang! Bang! Bang!

MÃE: Deixa de ser medroso!

TECA: É só um revólver de brinquedo!

MÃE: Vai escovar os dentes no banheiro! (Beto sai). E esses ferimentos horríveis que eu ainda não consegui ver? (Teca protesta).

TECA: Bem aqui, ó! Na perna! (Mostra a perna direita).

MÃE: Engraçado... antes era a outra perna que estava doendo...

TECA: A outra também! Amanhã eu vou ter que passar o dia em casa pra descansar a perna.

MÃE: ... e ficar grudada na televisão, não é? Nada disso! Agora, boa noite, espertinha!

BETO: (Entrando). Mãe, o menino mau tinha um revólver. Eu também preciso de um.

MÃE: Você não tem nada que ficar imitando as besteiras dos outros. Já viu o que acontece. Agora, pra cama!

BETO: Mãe! Você não vai embora também, vai?

MÃE: Nem mais uma palavra, entendido? Boa noite! (Sai).

TECA: Ei!

BETO: O que é?

TECA: Você tem medo de fantasma?

BETO: Que besteira! Claro que não! Só garotinhas acreditam em Fantasma

TECA: Mas existe sim! Eu mesma já vi! Aqui no quarto.

BETO: Ihhh!

TECA: Olha ali, em cima do baú!

BETO: Eu não!

TECA: Lá vem um fantasma!

BETO: Não existe fantasma! Pra que é que eu vou olhar?

TECA: Se não existe você pode olhar!

BETO: Não estou com vontade.

TECA: Que medroso!

BETO: Tá bom. (Olha, mas com a mão nos olhos).

TECA: (Se cobre com o lençol e imita um fantasma). Búúúú!

BETO: Para com isso! É você, eu sei!

TECA: (Ri. Volta para a cama, sobe a parte de cima. Com voz misteriosa). Olha só o seu pé!

BETO: (Escondendo os pés pra cima). O que é que tem meu pé?

TECA: (Pega o Fofão e passa no pé de Beto). Búúúú!

BETO: (Gritando). Socorro! Para!

TECA: Eu sou o fantasma da noite! Eu sou o fantasma da noite! Eu sou o fantasma da noite!

BETO: Para com isso! (Teca volta para a cama, satisfeita). Ei, Teca, por que será que a mamãe não veio?

TECA: Pra que é que ela tinha que vir?

BETO: Quando a gente grita assim, ela sempre aparece... só se ela...

TECA: Manhê!

OS DOIS: Manhê!

BETO: E se ela foi embora?

TECA: (Com medo). Você acha?

BETO: Vamos ver? (Teca acende a luz. Beto vem atrás dela, hesitante. Os dois vão para a coxia e chamam. Voltam depois, amedrontados).

TECA: E agora?

BETO: A gente pode tocar na campainha do vizinho de cima...

TECA: Sair de casa? E se tiver um assassino atrás da porta?

BETO: Besteira! (Teca choraminga). Para com isso!

TECA: Será que ela vai voltar?

BETO: Claro que vai...

TECA: Papai não voltou.

BETO: Foi diferente. Ele se mudou mesmo! Eu sei exatamente como foi. Ele levou o sofá e os quadros das paredes.

TECA: O quadro da sala tá lá. Eu vi.

BETO: É da mamãe. Se o quadro tá lá é porque ela voltar. É lógico!

TECA: Você acha?

BETO: Claro!

TECA: E se ela foi raptada?

BETO: A gente teria escutado!

TECA: E se agarraram ela sem fazer barulho? Com a boca amordaçada? Eu vi na televisão...

BETO: Na televisão os atores representam. Não é de verdade.

TECA: E se aparecer um ladrão?

BETO: A portaria tá fechada.

TECA: Ladrão consegue abrir portas. Eu vi na televisão.

BETO: Pára de falar na televisão.

TECA: Você tá com medo!

BETO: (Cheio de medo). N... não!

TECA: (Cheia de medo). Eu também não...

BETO: Nós somos dois.

TECA: Tem também o Fofão. (Aperta o Fofão contra si).

BETO: Eu te defendo.

TECA: Você quer ficar com a aranha?

BETO: Não precisa. Eu tenho o Lulu.

TECA: Então a aranha fica com o Fofão. Aqui, Fofão, toma o seu mascote. Não precisa ficar com medo. Agora nós somos quatro.

BETO: Com o Lulu, cinco... Tá com medo, Lulu? O Lulu não tá com medo.

TECA: Mentira dele...

BETO: Não é não!

Música: Eu tenho um Bichinho

BETO: Eu tenho um bichinho de pano
Eu pego ele no colo ele é fofinho e quente

TECA: Eu tenho um bichinho que é uma gracinha
Com ele do meu lado nunca estou sozinha.

BETO: Quando mamãe sai pra rua e me deixa só,
Eu não gosto mas não choro
Vou quietinho me deitar...

TECA: Eu aperto o meu bichinho debaixo do lençol
Logo, logo o medo passa
Pois eu sei que ela vai voltar...

BETO: Quem tem medo,

TECA: Quem tem medo,

OS DOIS: Não bate bem da bola

BETO: Quem tem medo,

TECA: Quem tem medo

OS DOIS: Não bate bem da bola

BETO: Eu nunca tenho medo
E vou dizer por que...

OS DOIS : Eu tenho um bichinho de pano
Eu pego ele no colo ele é fofinho e quente
Eu tenho um bichinho que é uma gracinha
Tá sempre do meu lado ele me faz contente.

BETO: Ei, aquele menino de hoje...

TECA: O menino mau?

BETO: Aquele do revólver?

TECA: Hum!

BETO: Ele não deve ter medo nunca.

TECA: Mamãe disse que todo o mundo tem medo...

BETO: Mas ele não tem. Duvido!

TECA: Ele é um pistoleiro bobo!

BETO: Mas medo, medo, ele não tem.

TECA: Porque ele é bobo!

BETO: Só se for por causa do revólver. (Teca coloca a máscara e a aranha sobre o Fofão e deita-o na cama, cobrindo tudo com a coberta). O que é que você tá fazendo?

TECA: Posso ficar com você aí em cima?

BETO: Pra que?

TECA: Pra espantar os fantasmas.

BETO: Não existe fantasma!

TECA: Ah, é. Então, pra espantar os ladrões. (Ela vai pra cama de cima e deita perto dele eles ficam rindo, baixinho, e adormecem).

MÃE: (Entra pé ante pé). Pra que essa luz acesa? (Vai até a cama, levanta a coberta e dá um grito).

BETO: (Pula da cama com o susto, dá um grito de alegria). Mamãe! Blecaute.

CENA 5

Pracinha. Pedro está aborrecido, sentado no trepa-trepa. Beto entra na sua bicicleta de rodinhas e dá voltas em torno da caixa de areia.

PEDRO: (Gritando). Zona proibida! Não pode passar! (Atira). Acertei! (Beto continua, amedrontado. Pedro desce do brinquedo. Coloca-se à sua frente, Beto tenta fugir. Pedro atira). Acertei a roda! Meia volta! (Beto tenta fugir, mas Pedro para a bicicleta com a perna. Beto é projetado para fora da bicicleta).

PEDRO: Eu posso dar uma volta?

BETO: É meu!

PEDRO: Só uma voltinha!

BETO: É meu! (Pedro senta-se hesitante na bicicleta e dá uma volta devagarzinho, quase que com respeito). É meu!

PEDRO: (Oferece a ele o revólver). E se eu te emprestar o revólver?

BETO: (Aproxima-se boquiaberto). Seu revólver?

PEDRO: Ele mata todo mundo. (Faz uma demonstração com uma saraivada de tiros e entrega o revólver a Beto). Toma. Experimenta você. (Beto tenta atirar, mas está com um cartucho gasto). Tem que botar um cartucho novo. (Troca o cartucho). Assim.

BETO: (Brinca com entusiasmo crescente. Pedro finge-se de ferido). Posso ficar com ele? (Pedro se espanta). Em troca da bicicleta?

PEDRO: (Duvidando). Você quer trocar?

BETO: Hum, hum!

PEDRO: Toma! Aqui tem mais munição! (Pula para dentro da bicicleta e sai dirigindo, eufórico. Beto enfia a pistola na calça. Pedro finge um acidente). Socorro! Um ataque surpresa! (Beto quer brincar e procura pelo revólver, mas atira dentro da calça ao fazê-lo).

MÃE: (Voltando das compras). Beto! Teca! Vamos subir! (Pedro sai depressa. Beto recua um pouco e esconde o revólver nas costas). O que você está fazendo aí! Onde está a Teca?

BETO: Não veio. Ela quis ficar vendo televisão de qualquer jeito.

MÃE: Ora essa! Vem comigo. (Beto vai atrás dela e fica olhando o revólver. Quando a mãe se vira, ele o esconde rapidamente). O que você está escondendo aí?

BETO: Nada não.

MÃE: Onde é que você arranhou esse revólver?

BETO: Não sei. Eu achei.

MÃE

BETO

MÃE

TECA

MÃE

TECA

BETO

MÃE

TECA

BETO

TECA

MÃE

BETO

MÃE

BETO

TECA

MÃE: Achou? Deve ser de alguma criança. Deixa no lugar onde você apanhou. (Enfia-lhe o revólver na calça, que dispara por acaso, assustando os dois).

BETO: Mas eu tenho que ficar com ele.

MÃE: Como assim? Você sabe muito bem que eu não quero revólver lá em casa. (Tenta enfiar o revólver na bolsa, outro tiro dispara).

TECA: (Entra correndo). Ei, mamãe!

MÃE: Você ficou de novo sentado na frente da babá eletrônica?

TECA: (Para Beto). Dedo-duro! Cadê a bicicleta?

BETO: A bicicleta! Ah! A bicicleta! É... o menino mau de ontem levou...

MÃE: E você deixou?

TECA: E você deixou? Que burrice!

BETO: Ele me deu o revólver dele em troca.

TECA: (Aflita). O revólver do menino?

MÃE: Onde é que mora esse menino

BETO: Não sei.

MÃE: E como é que ele se chama?

BETO: Não sei.

TECA: Há, há! Ele se chama não sei! Posso brincar com o revólver? (Puxa o revólver, que dispara. Os dois se assustam e deixam-no cair no chão).

BETO: Esse revólver é meu! Eu troquei!

MÃE: (Tomando-o dele). Isso não é troca que se faça. A bicicleta me custou mais de 200 reais e essa porcaria aí custa no máximo 5.

BETO: Mas é muito melhor de brincar!

MÃE: Esse menino te levou na conversa.

TECA: Eu quero a bicicleta de volta!

BETO: Ela não era sua, ora. Eu faço com ela o que eu quiser

MÃE: Nada disso!

TECA: Tá vendo? Nada disso!

MÃE: Eu economizei um tempão para te comprar essa bicicleta e você simplesmente dá de presente ao primeiro que aparece? Por causa de um revólver de plástico! (Beto entrega-lhe o revólver). Só porque tava com medo do garotinho!

BETO: Não é verdade!

TECA: É sim!

MÃE: Teca, você sabe onde mora esse menino?

TECA: Não sei... olha, lá vem ele! É aquele que vem ali com o moco.

MÃE: Ah, deve ser o pai dele.

PAI: (De fora). Cadê o menino?

MAE: Ai, que desagradável! (Ergue-se com Beto escondido atrás da sacola de compras).

Entram Pedro e seu pai, que traz na mão a bicicleta e aplica freqüentes cascudos na cabeça do filho.

PAI: Cadê o menino que você roubou, hein? Onde está?

PEDRO: Ah!... Mas a gente trocou, ele é quem quis!

PAI: (Batendo). Para de mentir. (Dirige-se embaraçado para a mãe). É... a senhora me desculpe, eu só reparei quando ele foi esconder o brinquedo na dispensa...

PEDRO: A gente trocou honestamente!

PAI: (Batendo). Cala a boca!

TECA: (Satisfeita). Bem-feito!

MÃE: A culpa não é só dele. Tenho certeza que meu filho, tímido do jeito que ele é, contribuiu muito para isso acontecer.

PAI: (Para Pedro). Seu mal-educado! Pede desculpas aqui à tia e aos meninos...

MÃE: Deixa... deixa... Agradece ao moço, Paulo Roberto, por ele ter trazido a sua bicicleta de volta.

PAI: Ele já foi castigado por isso

MÃE: O senhor me desculpe, mas eu não estou de acordo com a sua atitude. Afinal, a culpa também foi do meu filho.

PAI: O problema é meu. Ele é meu filho e a senhora....

PEDRO: (O Pai larga a bicicleta no chão. Teca vai sentar-se na bicicleta. A mãe entrega o revólver ao pai que o segura distraidamente. Teca puxa o revólver de suas mãos sem ele se dar conta e sai).

MÃE: Claro, claro, mas a gente não pode levar as crianças assim tão a sério.

PEDRO: (Pedro e Beto suspiram de alívio ao se verem livres dos seus respectivos pais, que se afastam ainda conversando. Os dois meninos se entreolham, dando de ombros)

BETO: Como você se chama?

PEDRO: Pedro, e você?

PEDRO: Beto!

PAI: Pedro, vem cá!

MÃE: Vamos embora, Beto!

Pedro atira com um revólver imaginário em Beto que finge ter levado um tiro na barriga, encolhendo-se.

PAI: O que você fez agora? (Aproxima-se e dá-lhe um tapa).

MÃE: Não faz fita, seu molengão! (Puxa Beto pelo braço).

PEDRO: A gente só tava brincando.

BETO: Foi de brincadeira!

PAI: Eu conheço essas brincadeiras! (Puxa o filho para um lado e bate nele. Beto atira no pai).

MÃE: Você tem que imitar tudo o que ele faz? (Bate nele, puxa-o para o outro lado. Pedro "fuzila" a mãe, e leva um tapa do pai).

BETO: Tchau, Pedro!

PEDRO: Tchau, Beto! Você vem aqui amanhã de novo?

PAI: Não senhor. Amanhã você vai ficar em casa de castigo. (Sai).

MÃE: Não quero mais você brincando com esse pistoleiro! Brinca com a sua irmãzinha, que é melhor! Teca!

TECA: (Entra dirigindo a bicicleta triunfante com a pistola na mão). Eba, fiquei com todos os dois! A bicicleta e o revólver!

MÃE: (Tomando-lhe o revólver). Eu já disse que revólver não entra lá em casa! Onde é que tá o pai do menino? Ai, meu Deus, que desagradável!

Blecaute.

CENA 6

Pracinha. Beto e Teca vão às compras.

OS DOIS: Ovo, carne e leite! Ovo, carne e leite! Ovo, carne e leite!

BETO: Vem, Teca!

TECA: Quantos ovos mamãe pediu para comprar?

BETO: Uma dúzia.

TECA: Duas carnes, leite...

BETO: Besteira. 2 litros de carne, não: 2 litros de leite. Vamos Teca!

TECA: Uma dúzia de carne, 2 ovos, e 1 litro de leite.

BETO: 2 ovos? Você tá misturando tudo.

TECA: 2 g de ovos! Meio litro de carne leitosa.

BETO: Um quilo de carne.

TECA: 6 kg de leite e 2 kg de ovos, 2 quilos de carne e meio quilo de leite.

BETO: Você tá me confundindo todo! 2 litros de leite! Vamos, Teca!

TECA: Uma dúzia de leite, 2 litros de carne...

BETO: E 1 kg de ovos? Não é possível!

TECA: Duas meias de ovos, uma grama de capim, um quilo de carne assada...

BETO: Olha só! (Teca sobe no alto do trepa-trepa).

TECA: 6 km de carne, 2 vacas leiteiras, meio litro de titica de galinha.

BETO: Olha, lá! (Teca desce do brinquedo, afasta-se, seguida por Beto. Pedro aparece com uma grande sacola, passando por eles sem os ver). Pedro (Pedro faz uma careta. Teca devolve outra. Pedro afasta-se zangado). Ei! O

que aconteceu?

PEDRO: Vocês roubaram meu revólver! Foi isso o que aconteceu!

BETO: Ora, você vai ganhar ele de volta.

TECA: Nossa mãe quer que a gente devolva.

PEDRO: E por que vocês não devolveram?

TECA: A gente não sabia onde é que você morava.

BETO: Eu queria mesmo trocar com você. E sério!

PEDRO: Ah é? Grandes coisas! Uma troca dessas quem não queria? Ficaram com a bicicleta e o meu revólver ao mesmo tempo! E eu, hein? Como é que eu fico, seus covardes? (Empurra os dois. Beto cai por cima da sacola de compras de Pedro). Sai da frente!

BETO: (Com medo). Eu não tenho culpa do seu pai ter trazido a bicicleta de volta (Pedro para).

TECA: Você não tava de castigo? O que é que tá fazendo na rua?

BETO: Você fugiu?

PEDRO: Vão pro inferno! Eu vou fazer compras.

BETO: Nós também.

TECA: O que é que você tem de comprar? Papa de carne, ovo e manteiga?

PEDRO: Cerveja.

OS DOIS: Cerveja?

TECA: Cerveja... Você não tem dinheiro para isso!

PEDRO: Claro que eu tenho!

TECA: Então mostra! (Pedro brinca com uma nota de 10 reais toda enroladinha, joga ela pra cima, torna a pegar. Teca tenta agarrar o dinheiro, que cai num bueiro. Todos ficam paralisados. Pedro procura, em vão, recuperar o dinheiro). Ora bolas! Agora o dinheiro caiu no bueiro!

BETO: Você não vai conseguir tirar ele daí!

TECA: Lá no fundo tem água. Hum! Que fedor!

PEDRO: A culpa é sua!

TECA: Minha, não! Quem tava segurando o dinheiro era você!

PEDRO: E agora? O que é que eu faço?

TECA: Agora a gente precisa de um mergulhador de bueiros. Ou então um submarino de bueiros. (Imita um submarino).

PEDRO: Para com isso. Eu preciso meus 10 reais. Eu já devia estar em casa. Eu vou ficar de castigo! Só tinha dez minutos para comprar cerveja! E agora, o que é que eu faço, hein?

BETO: Você tá com medo?

PEDRO: (Empurra Beto). Não é da sua conta! Você gosta de levar surra, é? E depois passar uma semana inteira na cama só saindo para ir à escola?

TECA: Lá em casa a gente nunca apanha.

PEDRO: Não mente! Todas as crianças apanham! E eu apanho mais que todas elas! Ontem foi aquela droga de bicicleta! Hoje, a culpa foi de vocês outra vez. Sempre a culpa é de vocês!

BETO: E se você disser pro seu pai que a culpa foi nossa?

PEDRO: Não adianta nada. Ele nunca me escuta! Se eu digo alguma coisa, ele me bate mais ainda.

BETO: E se a gente for com você e contar pra ele?

TECA: Eu não vou!

PEDRO: Aí é pior.

BETO: (Estende a ele uma nota de 10 reais). Toma, fica para você.

TECA: Você ficou maluco?

PEDRO: 10 reais?

BETO: Eu digo pra mamãe que eu perdi. Lá em casa não é tão ruim. A

gente nunca leva surra.

TECA: Eu vou contar para mamãe.

BETO: Sua burra! Você não vê que o Pedro vai levar a maior surra e vai ficar uma semana na cama sem razão nenhuma?

TECA: Eu não tenho nada com isso.

PEDRO: O que é que você quer em troca dos 10 reais?

BETO: Bem, eu...

PEDRO: Pode ficar com o revólver.

BETO: Posso mesmo?

PEDRO: Pode.

BETO: Legal.

TECA: Revolver não é entra lá em casa. A mamãe falou.

PEDRO: E a sua mãe?

BETO: Não é da tua conta.

PEDRO: Você é corajoso...

BETO: (Feliz). Jura?

PEDRO: Juro.

BETO: Legal Vai embora!

PEDRO: Tchau! (Sai correndo feliz).

BETO: Ei! você tem de comprar cerveja!

PEDRO: Cerveja! Ah, é, cerveja! (Sai correndo na direção oposta).

BETO: Se você contar para mamãe, você vai ver!

TECA: O que é que eu ganho se eu não contar? Você ficou com o revólver, e eu?

BETO: Eu vou te dar uma coisa bem bonita.

TECA: O que?

BETO: Eu vou pensar.

TECA: Senão, eu vou contar que você deu dinheiro pro Pedro! Pra ficar com o revólver!

BETO: Se você contar, já sabe.

TECA: E agora, o que é que a gente vai comprar? Quanto dinheiro sobrou?

BETO: 5 reais

TECA: Dá para comprar o que?

BETO: Deixa eu ver... meia dúzia de ovos, meio quilo de carne... leite...

TECA: Meio ovo... meio litro de leite... meia grama de carne... e 2 gemas de ovos. (Sai).

Música: Eu queria tanto um amigo

Eu queria tanto um amigo
Que fosse legal comigo
Um amigo pra se guardar
E que eu pudesse ajudar

Um amigo assim do peito
Era o companheiro perfeito
Que eu queria pra brincar...

Eu queria tanto um amigo
Que fosse legal comigo
Um amigo pra se guardar
E que eu pudesse ajudar

Com ele sempre do meu lado
Não ia ter nenhum folgado
Pra querer me provocar...

Blecaute.

Cena 7

Quarto das crianças. Ouve-se anúncio da televisão em off.

MÃE: (De fora). O que significa isso? (A televisão é desligada. Beto entra correndo no quarto. Para Teca).

BETO: Você vai ver só se contar pra mamãe do dinheiro! (Pega o baralho e começa a embaralhar)

MÃE: (Entrando). Onde estão as compras?

BETO: Ah, ali na sacola! (A mãe tira da sacola um bife, e um pacotinho de leite).

MÃE: O que é isso?

OS DOIS: Carne e leite, ora!

MÃE: É nisso que dá ficar vendo tanta televisão! Será que você pensam mesmo que isso que está aqui é um quilo de carne e 2 litros de leite?

TECA: E que o Beto deu o dinheiro... (Beto fuzila Teca com um olhar)... E que o dinheiro não deu.

MÃE: 15 reais dá de sobra.

TECA: É que de repente só tinha 5.

MÃE: Ah, de repente?

BETO: Eu perdi 10.

MÃE: Perdeu?

TECA: No bueiro. É impossível tirar de lá!

MÃE: E como é que o dinheiro foi parar dentro do bueiro. Sozinho?

TECA: Não. O Pedro também tava. (Beto dá outra fuzilada de olhar).

MÃE: Ah! O Pedro outra vez. Foi ele quem pegou os nossos 10 reais e atirou dentro do bueiro.

BETO: Não!

TECA: Eram os 10 dele! (Beto dá um tapa nas costas da mão de Teca).

MÃE: Há, eram os dele. Aí vocês pegaram os nossos 10 e atiraram dentro do bueiro para fazer companhia pros dele.

BETO: É. Quer dizer, não!

MÃE: Então o que é que houve?

TECA: (Enfia a sacola na cabeça). Eu não digo mais nada!

BETO: Pois é. Os 10 reais do Pedro caíram dentro do bueiro, e para ele não levar uma surra do pai tendo que ficar uma semana de castigo, eu dei a ele os nossos.

MÃE: Verdade?

BETO: É

MÃE: Então por que é que você escondeu de mim?

BETO: Porque o dinheiro era seu.

MÃE: E você deu a ele só por pena?

BETO: Ha, ha!

MÃE: Sabe de uma coisa?

BETO: O quê?

MÃE: Acho muito bonito o que você fez! Mas você podia ter-me dito uma coisa dessas. Por que você não teve coragem de dizer a verdade pra sua mãe?

BETO: Por que os 10 reais eram seus.

MÃE: E daí? Você podia pagar da sua mesada,

BETO: (Sem graça). Ah, é...!

MÃE: Pode deixar. Não precisa não. Você tá sendo um verdadeiro anjo da guarda pra esse Pedro.

TECA: (Tirando a sacola da cabeça). E aí?

MÃE: Beto contou tudo. Achei muito bacana a atitude de vocês com o Pedro. Não precisavam ter escondido de mim!

TECA: Ah, não? Então agora eu quero um revólver também!

MÃE: Revólver?! (Beto contém um ímpeto de se arremeter contra Teca).

TECA: Claro! Pedro deu ao Beto o revólver dele em troca dos 10 reais.

MÃE: Ah, bom! O dinheiro era pro revólver! E eu pensando que o Pedro tivesse perdido.

BETO: Mas ele perdeu!

MÃE: E você deu o seu pra ele só por pena?

BETO: Foi!

MÃE: Eu não acredito mais em você! E esse revólver vai ficar é comigo! (Sai)

BETO: (Para Teca). Sua burra! Você sempre estraga tudo.

TECA: Eu sabia que isso não ia dar certo.

BETO: Só por que você me traiu contando a história do revólver.

TECA: Mas a mamãe disse que você tinha contado tudo para ela!

BETO: Mas é claro que eu não falei do revólver!

TECA: Tá vendo? É nisso que dá quando a gente mente. Quem conta mentira, o nariz cresce. Eu vi na televisão.

BETO: Mas eu não menti! Eu só não contei tudo!

TECA: Ih, tá na hora do Tarzã na televisão. (Corre para a porta, mas volta-se ao dar com a mãe entrando).

MÃE: Trate de saber onde é que mora esse menino, senão, vai ter! E aí, nós vamos falar com o pai dele, devolver o revólver e pegar de volta os nossos 10. (Para Teca que está sentada diante da porta, chorando). Ele te bateu de novo? (Leva Teca para fora, consolando-a).

BETO: (Gritando). Não!

Blecaute.

Cena 8

Pracinha. Beto em sua bicicleta. Enquanto espera Pedro, dá duas voltas em torno da caixa de areia. Pedro entra e dá um susto em Beto.

BETO: Até que enfim você chegou.

PEDRO: Zona proibida!

BETO: Para com isso! Minha irmã contou tudo pra mamãe. Sorte a sua que você não tem irmã!

PEDRO: Eu? Tenho três irmãs. Mas nenhuma de verdade.

BETO: Como assim? Você tem irmãs de mentira?

PEDRO: Tenho. E uma mãe de mentira também.

BETO: É verdade?

PEDRO: É. Quer dizer, quando minha mãe foi embora, meu pai se mudou pra casa de uma outra mãe. Ela tem quatro filhos.

BETO: Quatro? Eu pensava que fossem três!

PEDRO: Três meninas e um menino, seu burro! E eu não suporto nenhum deles! E também não suporto a minha nova mãe; alias eu não gosto de ninguém. Se não fosse por causa do meu pai, eu ia me mandar

BETO: O espancador?

PEDRO: Meu pai não é nenhum espancador!

BETO: Minha mãe quer falar com seu pai de qualquer maneira pra pegar os 10 reais de volta e devolver o revólver.

PEDRO: E aí meu pai vai descobrir tudo. (Teca entra com 1 caixote de papelão em forma de televisão na cabeça, cantando jingles de comercial de TV).

TECA: "Xampu, xampu..."

PEDRO: A culpa é toda dela.

TECA: "O xampu (diz a marca) torna seus cabelos mais sedosos.

BETO: Ah, agora ela endoidou de vez.

TECA: (Canta).

BETO: Pára! Isso dá alergia nas orelhas!

TECA: (Canta).

PEDRO: Assim minha orelha vai cair! Em vez de você ficar cantando isso, é melhor você pensar numa maneira de recuperar meus 10 reais.

TECA: 10? Bastam 10 reais! Loteria Federal!

BETO: Mas lá você tem que pagar 10 reais.

TECA: Ah, é...

PEDRO: Meu pai vai me dar a maior surra se a sua mãe for falar com ele.

BETO: E se você fosse lá em casa apanhar o revólver?

PEDRO: Mas eu não tenho 10 reais!

BETO: Então a gente tem que arranjar 10 reais.

PEDRO: Pra isso a gente tem que trabalhar.

BETO: Trabalhar?

PEDRO: É, trabalhar. Ajudar a carregar sacolas na feira... sei lá.

TECA: Ou então, vender garrafas vazias.

BETO: Ah, isso demora muito.

PEDRO: Então a gente vai ter que roubar.

BETO/TECA: Roubar?

PEDRO: (Diante do assombro dos dois). Quer dizer, tomar emprestado. Ou então pedir esmola.

BETO: Acho que não é legal. Eu já sei como a gente pode conseguir dinheiro de uma porção de gente de uma vez: a gente tem que apresentar alguma coisa. Fazer acrobacias, sei lá... se eles gostarem, a gente pode juntar o dinheiro e pronto!

TECA: O Pedro pode fazer ginástica no trepa-trepa e eu canto. (Canta).

BETO: Não. Se você cantar vai todo mundo embora.

PEDRO: Ou então eles te batem.

TECA: Então vamos fazer teatro. Eu conheço um número de teatro que é o maior barato! (Teca dispara a interpretar anúncios. Pedro e Beto tapam os ouvidos)

PEDRO: Pára com isso!

BETO: Assim minha orelha vai cair. Telemaluca!

Música: Telemaluca

BETO: Ela não sai de casa em dia de sol,
Sentada o tempo todo em frente à televisão,
Não pisca nem o olho -
É de fazer do -
Sintonizada até o fim da programação

OS DOIS: Ela é telemaluca
Oôôô, telemaluca
Ela só quer viver
Grudada à tela da TV.

PEDRO: Sentada no tapete com a coluna torta
A boca aberta e muda feito uma porta.
O pescoço duro, a perna dormente,
Olhando abobalhada sempre, sempre pra frente.

OS DOIS: Ela é telemaluca.

BETO: Não perde um anúncio, sabe todos de cor

PEDRO: De carro de cigarro ou de sabão em pó

BETO: E quando a mãe chega pra apertar o botão

OS DOIS: Ela grita e esperneia:
"Mãe, não faz isso não!"
Ela é telemaluca.
OôÔô, telemaluca
Vê se usa a cabeça
Pra desligar o botão
Da televisão...

TECA: Eu só fico vendo televisão... porque... porque... o Beto não
brinca direito comigo.

PEDRO: A gente tem que dar um jeito da sua mãe não ir lá em casa.

BETO: É. A gente tem que fazer alguma coisa. Peça de teatro, circo,
sei lá.

PEDRO: Eu só sei imitar macaco. (Imita).

TECA: Nem palhaço você sabe?

BETO: O que é que você gostaria de ser?

PEDRO: Xerife.

BETO: (Para Teca). E você?

TECA: Ah! um monstro! E você?

BETO: Um fantasma que fica invisível!

PEDRO: O meu xerife também fica invisível.

BETO: Um xerife fantasma?

PEDRO: É, um xerife fantasma.

TECA: Um xerife fantasma com cara de monstro!

BETO: Isso! Vamos fazer um circo com fantasmas, monstros e xerifes!

TECA: Pra isso a gente precisa de um lençol! Vamos pra casa!

BETO: Vamos! (Faz menção de sair).

PEDRO: Então, tchau, até amanhã!

BETO: Vé, você tem que vir com a gente!

PEDRO: Verdade?

BETO: Verdade, xerife!

PEDRO: E a sua mãe?

TECA: Ela ainda não chegou em casa!

PEDRO: Então, falou!

BETO: Então, vamos!

TODOS: Eba!

PEDRO: (Tropeça na bicicleta de brinquedo). E a bicicleta?

BETO: Ah, é! (Saem levando juntos a bicicleta).

Blecaute.

Cena 9

Quarto das crianças. Beto, Teca e Pedro entram.

PEDRO: (Espantado). Nossa! Como é grande! É só para vocês?

BETO: Claro! Esse é o nosso quarto!

TECA: Que tal? É só da gente.

PEDRO: (Corre por todo o quarto). Parece até uma pracinha! A gente pode brincar à vontade.

BETO: Claro!

PEDRO: (Toma a isso como um convite, suspira fundo e sai correndo em estardalhaço pelo quarto. Sobe na cama, vê o Fofão, pega na aranha de borracha e leva um susto fazendo cara de nojo. Teca ri, maliciosa). Que é isso? Joga isso fora!

TECA: É só a minha aranha de estimação.

PEDRO: Ah!

BETO: Você tem medo dela?

TECA: Não é uma gracinha?

PEDRO: Gracinha? Essa coisa nojenta...

BETO: (Por trás dele, com a máscara). Você está com medo! Búúú!...

PEDRO: Pára com isso! (Atira em Beto). Você é que tá com medo! (Empurra-o).

BETO: Desculpa!

PEDRO: Vocês têm mais dessas coisas?

TECA: Não, infelizmente... é assim: eu não tenho medo de aranha, mas as outras pessoas têm e eu acho isso muito engraçado.

BETO: E com a máscara você pode brincar de dar sustos. Eu não queria te assustar não, só mostrar. Você não ficou zangado, ficou?

TECA: A gente não ia brincar de fantasmas? (Pega um lençol da cama).

BETO: Não! A gente ia apresentar uma peça: "O trio assombro".

PEDRO: Eu sou xerife do vale da morte! E esse é o meu rancho! (Apodera-se da cama).

TECA: (De fantasma). Eu sou o fantasma da noite! (Vai em sua direção).

BETO: E eu sou Igor, o estrangulador da meia-noite! (Imita com a máscara um estrangulador).

PEDRO: Pára! Zona proibida! Agora vocês vão todos pra cozinha! Vou trancar vocês no escuro. Ha! Ha! Ha!

TECA: (Descobrimdo-se). Fantasmas gostam do escuro! Além disso eles são invulneráveis!

BETO: E Igor também! Vahhhh!!

PEDRO: Silêncio! Não adianta chorar. Pra cozinha! Lá é muito escuro! E depois vou trancar vocês na dispensa! Lá é mais escuro ainda! (Ele os enxota da cama).

TECA: Eu não brinco mais! Que coisa mais boba: prender fantasmas. Eles podem escapulir pelo buraco da fechadura.

BETO: Você tem medo do escuro?

PEDRO: Como assim?

BETO: Ora, se você acha o escuro tão ruim assim, que nem eu acho...

PEDRO: Gostaria de ficar preso na cozinha?

BETO: Como assim?

PEDRO: Às vezes minha mãe, quer dizer, minha nova mãe, me prende na cozinha, e uma vez ela me trancou dentro da dispensa, porque lá é muito escuro. Só pra me castigar.

BETO: E seu pai?

PEDRO: Ah! Ele só me bate.

TECA: A nossa mãe deixa sempre a luz do corredor acesa, sabia?

PEDRO: Onde eu morava antes, a luz também ficava acesa, mas agora fica sempre tudo escuro.

TECA: Eu prefiro o escuro. Eu consigo dormir melhor.

PEDRO: É? Eu não!

BETO: Eu também não.

TECA: Você podia dormir com a gente.

PEDRO: Como assim?

TECA: Ora, você podia dormir aqui em casa.

BETO: Aqui em casa dormem sempre outras crianças.

TECA: Mentira! A mamãe nunca deixou.

PEDRO: Nem meus pais.

TECA: E se eu pedir para mamãe? Eu acho um absurdo trancar alguém no escuro. Sabe por que é que é bom brincar de fantasma? Por que você nunca sente medo no escuro, já é fantasma... e fantasmas gostam do escuro... finge que você é um fantasma! (Ela o cobre com um lençol. Ele esboça um tímido "Búúúú"). E então?

PEDRO: É verdade! Eu não tenho mais medo nenhum do escuro. Búúúú!

MAE: (De fora). Beto! Teca! Que é que houve? A televisão quebrou?

TECA: Ih! É a mamãe! (Ela pula dentro da cama cobrindo-se toda).

MÃE: (Entra. Vê o Beto e o fantasma estarecido diante dela). Vocês estão aí? Teca, eu já disse pra você não ficar brincando com a roupa de cama limpa! Vai sujar ela toda!

BETO: Manhé!

MÃE: O que?

BETO: Mãe, será que o Pedro pode dormir aqui em casa hoje?

MÃE: O Pedro? Aquele menino do revólver que ficou com dinheiro? De jeito nenhum! Teca, não fica andando por aí com esse lençol. Põe ele de volta na cama.

BETO: Ah, mãe! Por favor!

MÃE: Ora, Beto! O pai do Pedro não vai deixar o filho dele dormir aqui em casa. (Teca se mexe na cama. A mãe leva um susto). Que foi isso? Alguma coisa se mexeu ali! Que é isso?

BETO: É a Teca, ora! (Teca aparece).

MÃE: Ah, é a Teca... (Dando-se conta, atrasada). E esse aqui? Agora vocês são três! Quem é esse?

TECA: É o fantasma da noite!

PEDRO: (Descobrindo-se). Meu pai deixa eu dormir aqui, sim.

MÃE: Assim não é possível! Vocês sabem muito bem que é proibido trazer gente pra cá quando eu não estou em casa.

TECA: Mas agora você tá em casa! Ele pode dormir aqui?

MÃE: Mas vocês nem se conhecem direito. (Tira o pulóver de Beto e veste nele a camisa do pijama). E amanhã é dia de escola. Vocês têm que ir pra cama cedo. Além disso, eu ainda tenho que sair. Hoje não dá. Vai pra casa, meu filho, tá bem? Onde é que você mora mesmo?

PEDRO: Na rua Itaipava 44.

MÃE: Aliás, onde é que está o meu dinheiro?

PEDRO: (Apático). Tchau! (Foge).

BETO: Ele não tirou o meu dinheiro, mãe! Ele perdeu mesmo. Não tem mal nenhum nisso. Verdade!

MÃE: Tá bem. A gente conversa sobre isso depois. Se eu estiver errada, vou pedir desculpas ao Pedro. Se bem que eu não acredito. Agora eu preciso dar uma saidinha rápida, pra comprar umas coisas. Enquanto isso, vocês vão se arrumando. Ou então, se quiserem, podem assistir um pouco de televisão até a hora de eu voltar. (Sai).

BETO: Tá vendo! (Tira a camisa do pijama e veste novamente o pulóver).

TECA: É porque mamãe ficou muito assustada.

BETO: Não é nada disso. É que ela nunca escuta a gente.

TECA: Eu também acho uma injustiça. (Toca a campainha). É o Pedro. (Teca corre até a porta).

BETO: Ué??

PEDRO: (Entrando). Eu queria... o revólver...

TECA: Espera um instante, eu sei onde é que a mamãe escondeu. (Sai).

PEDRO: Se a sua mãe falar com meu pai, eu nunca mais volto pra casa. Vou ter que me esconder.

TECA: (Voltando). Droga! Mamãe guardou o revólver dentro da bolsa que ela levou.

PEDRO: Então ela foi na minha casa falar com o papai!

TECA: Agora ela já sabe onde você mora.

PEDRO: Eu não quero mais voltar pra casa.

TECA: Então a gente te esconde aqui... dentro do baú!

PEDRO: Não!

TECA: Então, debaixo da cama.

BETO: A gente traz comida pra você!

TECA: Você fica lá até a gente conversar com a mamãe.

BETO: É que ela ainda não te conhece.

PEDRO: Então falou. Eu fico aqui.

BETO/TECA: Eba! Pssshhhh!

(Música).

Blecaute.

Cena 10

Quarto das crianças. Beto e Teca arrastam uma pilha de toalhas, lençóis, panos e cortinas para dentro do quarto. Pedro entra hesitante, brincando com uma caixa de ovos vazia, antes de colocá-la sobre a cabeça. Beto e Teca descarregam suas coisas.

BETO: Agora vamos brincar de fantasma. O fantasma que era alegre.

TECA: O palhaço fantasma.

BETO: (Rindo para Pedro). Olha só para ele! (Beto joga um lençol sobre a cabeça de Pedro). Vamos brincar de disfarçar o palhaço fantasma?

TECA: (Ajuda Beto). O terrível palhaço fantasma.

BETO: (Enrolando um xale franjado na cabeça de Pedro, por cima da caixa de ovos). O terrível fantasma trapalhão.

TECA: (Enfia suas botas de borracha nas mãos de Pedro). O terrível palhaço

fantasma trapalhão. (Beto faz com uma fronha enfiada num cabo de vassoura um enorme fantasma. Teca faz para si uma cauda com um retalho comprido).

PEDRO: Eu sou a imperatriz de Bueirolândia!

OS DOIS: Que?

PEDRO: Eu sou a imperatriz da Bueirolândial

TECA: Imperatriz?

BETO: Ah, imperatriz é muito chato.

PEDRO: Mas não a imperatriz da Bueirolândia.

BETO: E onde é que fica a Bueirolândia?

PEDRO: Bueirolândia é a terra dos bueiros.

TECA: Dos bueiros?

PEDRO: Todo bueiro vai dar na Bueirolândia.

TECA: Humm, que fedor!

PEDRO: É mesmo...

BETO: Nos bueiros passam os canos dos esgotos.

PEDRO: Mas lá no fundo...

BETO:... lá no fundo tem mais canos, e mais no fundo ainda, debaixo dos canos, fica a Bueirolândia. Debaixo de todas as cidades e aldeias!

PEDRO: Isso mesmo. E eu sou a imperatriz da Bueirolândia!

BETO: E lá em baixo équentinho, claro e gostoso, como se fosse dia. Lá tem um monte de escorregas!

PEDRO: Isso mesmo! Como é que você sabe?

BETO: Todo mundo sabe, ora!

TECA: Lá eu possa escorregar pelo mundo inteiro! Pra debaixo da terra!

BETO/PEDRO: Isso mesmo.

BETO: E em toda parte existem bueiros que são as saídas para a superfície da terra. (Imita um fantasma). Búúúú!! (Sobe em cima da cama). Para a floresta amazônica, para os mares do sul, pra rua Itaipava 44.

PEDRO: Ei! Será que a sua mãe ainda tá lá em casa com meu pai? Quando ela voltar, a gente pára, tá bom?

TECA: Claro. Mas aí você pode se esconder.

PEDRO: Eu posso ficar pequenininho igual a imperatriz da Bueirolândia. Eu sou a imperatriz da Bueirolândia! (Anda de quatro com as botas nas mãos).

BETO: E eu sou o fantasma chefe da Bueirolândia.

TECA: E eu sou a princesinha pernetta da Bueirolândia! Olha! Aqui é a minha arca do tesouro. É nela que eu junto todos os tesouros do mundo que caem dentro dos bueiros: dinheiro, bombons, joias e escaravelhos de ouro..

PEDRO: Eu sou a imperatriz da Bueirolândia!

TECA: Tá bem, já sei!

BETO: Vamos levar todas as crianças do mundo lá pra baixo. Aí eu saio como chefe dos fantasmas pra espalhar o grande medo pela terra.

PEDRO: E aí a gente fica invisível e pode fazer a maior bagunça sem ninguém ver.

TECA: Vamos viver as maiores aventuras! (Os três se aninham na pilha de planos).

BETO: Ah, como é bom aqui na Bueirolândia!

TECA: (Para Pedro). Você tem mais outras idéias assim tão maneiras como essa da Bueirolândia?

PEDRO: Não. Eu nunca tenho idéias. Eu sou um menino mau.

BETO/TECA: Mau?

BETO: Quem disse isso?

PEDRO: Todo mundo diz.

TECA: Besteira... todo mundo aqui diz que eu sou uma peste.

PEDRO: Isso não é verdade.

BETO: E todo mundo diz que eu sou medroso...

PEDRO: De jeito nenhum...

TECA: Adulto não entende nada de criança.

BETO: Adulto tem muito mais medo que criança. A nossa mãe tem medo até de aranha de borracha! Imagina só!

TECA: Então vamos todos deslizar por um escorrega gigante até a Africa.
(Brincam de escorrega, todos caem).

MÃE: (De fora). Beto! Teca!

TECA: Ih, a mamãe!

BETO: Depressa! (Escondem Pedro de baixo de uma coberta. Teca se esconde dentro do baú de brinquedos. Beto sobe na cama de cima e se esconde debaixo dos lençóis).

MÃE: O senhor vai ver que o seu filho não está aqui. Eu mesma mandei ele de volta pra casa.

PAI: (De fora). A senhora me desculpe, mas é melhor eu conferir pessoalmente. Onde é que isso vai dar?

MÃE: (De fora). Não! Aí é o banheiro! O quarto fica ali. Deixa eu ir na frente. Os dois entram). Meu Deus! Que bagunça! (Para o pai). Nunca vi esse quarto tão desarrumado... ai, meu deus, que desagradável! Saiam já daí! Eu estou vendo vocês! (Vai encontrando sucessivamente novos objetos fora do lugar, cada vez mais, sem graça diante do pai, que observa o espetáculo boquiaberto, porém com um riso irônico no rosto). Parece que vocês ficaram malucos?!

PEDRO: (Arrastando-se amedrontado. Primeiro, tenta escapar, refugiando-se, em seguida, na cama de cima).

PAI: O que é isso? Que maluquice! Essas crianças são malucas! Olha só pra isso! (A mãe está perplexa).

BETO: (Levanta-se como um fantasma). Búúú!! (Recolhe-se novamente).

MÃE: (Controlando-se com dificuldade). Eu não acho a menor graça! O Pedro

voltou aqui depois que eu saí? (Silêncio). Anda, eu quero uma resposta!

PAI: Tenho que confessar que isso aqui parece cinema! Seus filhos parece que saíram de um filme! Meu Pedro só sabe dar tiros.

MÃE: O que é isso, Teca? Vocês podem continuar a brincadeira depois que tiverem arrumado essa bagunça... (Teca se levanta do baú, ficando maior que o Beto com a máscara na cabeça. A mãe falava, na verdade, com Pedro).

PAI: Eu não entendo mais nada! Agora são três fantasmas!

MÃE: (Admirada). Então seu filho está aqui.

PAI: Pedro venha cá! (Pedro dirige-se para o pai). Não, você não, meu filho. (Para Teca). Eu não disse pra você voltar pra casa logo? (Teca dá de ombros. O pai lhe dá um cascudo, fazendo com que a máscara da cabeça caia no chão. Os dois adultos se assustam).

MÃE: (Apontando para o Beto). Hoje à tarde Pedro também brincou de fantasma... (O pai vai de encontro a Beto, que se defende. O pai segura vassoura na mão. Beto revela-se). Ah, é você? Então essa criaturinha estranha deve ser o Pedro! Onde é que ele se meteu!

PAI: Cai fora! (Para o baú). Sai dai! (Teca aparece).

MÃE: (Espantada). Teca?! E quem é esse? (Aponta para Pedro).

BETO: Uma amiga nossa!

BETO/TECA: A imperatriz da Bueirolândia!

PAI: E eu que pensei por um momento que fosse o Pedro. Bem, ele já deve ter chegado em casa a essa altura. Não leve a mal, minha senhora, mas deve ser engraçado lidar com essas crianças. (Quase saindo).

PEDRO: (Grita, suplicante). Pai, pai!

PAI: (Fica estarecido por um momento). Vem cá. (Pedro vem desconfiado, com um braço protegendo o rosto). Você tá com medo de mim?

PEDRO: (Abaixa o braço, examina a expressão do rosto do seu pai e fica mais aliviado). Eu não roubei a bicicleta!

BETO/TECA: É verdade!

PAI: E por que você não disse logo que tinha perdido os 10 reais?

PEDRO: Porque eu tava com medo que você me batesse. (O pai levanta a mão). Tá vendo? (O pai toma a baixar a mão). Você fez a mesma coisa por causa da bicicleta.

BETO: (Para a mãe). Igualzinho a você.

MÃE: O que?? Ora, a minha mão só escorregou uma vez e pronto! Você sabe muito bem que eu sou contra palmada.

PAI: O que é que eu faço com o garoto quando ele apronta uma dessas?

PEDRO: Antes você pensava que eu fosse a Teca e ficou rindo. Você achou que eu tava "aprontando"?

PAI: Você merece agora pelo menos um soquinho.

PEDRO: É mesmo!

PAI: Então, vem, vem se você é homem!

PEDRO: (Avança para ele a maneira de um boxeur. O pai faz uma cara mais amena, fazendo as crianças rirem).

BETO: Você nunca brinca com a gente assim! (As crianças se atiram com estardalhaço sobre a mãe. Mas ela recua num salto).

MÃE: Mas onde é que nós estamos? Outra hora, tá bem?

BETO: (Para o pai de Pedro). Posso lutar com o senhor também?

PAI: Claro! Pronto? Parte pra cima!

BETO: (Temeroso). Outra hora, tá bem?

PAI: (Com a mão sobre o ombro de Pedro). Bem! Até logo, minha senhora! Foi bom ter vindo aqui! Assim é que se aprende a conhecer os próprios filhos

TECA: A mãe de Pedro não vai mais trancar ele dentro da dispensa, não, vai?

PAI: O que foi?

PEDRO: Ela fez isso sim! Ela não me suporta!

PAI: Você é que não gosta dela! Ela bem que gosta de você! E muito!

PEDRO: Eu não acredito.

PAI: Bem, a gente conversa sobre isso mais tarde, tá? E aí você vai ver como é verdade. Por que você não tinha me dito isso antes? Vamos embora?

OS TRÊS: (Atropeladamente). Será que o Pedro...será que o Pedro...pode dormir...aqui com a gente?

PAI/MÃE: (Atropeladamente). Não... É melhor deixar para outro dia... não pode... amanhã vocês se vêem... cada um tem a sua própria cama... etc...

OS TRÊS: Por que não? Por que não? Por que não?

MÃE: Por que não? Me diga... por que não?

PAI: Por que não! Por que não? (Eles trocam uma piscada de olhar).

MÃE: É, por que não?

PAI: É, por que não?

MÃE: Tá bem!

OS TRÊS: Eba!

MÃE: Mas primeiro vocês têm que arrumar o quarto!

OS TRÊS: Ahhhhh! (Arrumam correndo).

PAI: E não é que funciona?! Nunca pude imaginar isso aqui em sua casa.

MÃE: Ah, o senhor sabe, eu sou uma mulher sozinha, com dois filhos, trabalho fora. Eles têm que ajudar, senão eu não aguento.

PAI: Quem diria! Bem, eu vou correndo buscar nas coisas do Pedro: o pijama, a escova de dentes...

MÃE: Não precisa, eu tenho tudo aqui.

PAI: Mas ele precisa da mochila pra ir pra escola amanhã. Eu vou buscar. Até daqui a pouco. (Sai com Pedro).

BETO: Onde é que ele vai dormir agora?

TECA: No colchão, ora!

BETO: E se ele quiser dormir na cama de cima?

TECA: Acho que não.

BETO: Eu pergunto pra ele.

TECA: Ah não... tá bom, se ele quiser, a gente troca.

Blecaute.

Cena 11

Quarto das crianças. A mãe entra com um colchão e roupas de cama. Pedro vem atrás.

MÃE: Você dorme em cima. (Pedro sobe na cama superior, a mãe arruma as camas. Beto e Teca entram e se deitam).

TECA: Ei, mãe! Canta uma música pra gente?

MÃE: Ah, Teca...

TECA: Ah, canta, mãe!

MÃE: Tá bom, então eu canto!

PEDRO: Ha, ha, ha! Cantar música... (Dá-se conta tarde demais que não teve graça nenhuma).

Música: Tá na hora de dormir

E gostoso se deitar
Numa cama se esticar
Descansar no travesseiro
O cansaço do dia inteiro.

É gostoso se deitar
E brincar de imaginar
Aventuras e façanhas
De voar sobre as montanhas.

Como é bom fazer um ninho
Com um cobertor quentinho
E ali dentro se enroscar
Tá na hora da gente deitar.
Tá na hora da gente dormir.

MÃE: Então, como é que vocês se sentem?

PEDRO: Como se tivesse na cama! Só que melhor!

BETO: Agora você pode ir, bem quietinha. Vai logo! Você deve estar querendo ver televisão!

PEDRO: Boa noite!

MÃE: (Indignada). Vocês estão me expulsando?

PEDRO: Claro!

MÃE: Mais claro impossível! Então, durmam bem! (Beija seus filhos e acena para Pedro). Ah, cada um na sua cama, tá? (Apaga a luz e sai).

PEDRO: (Improvisam variações da música que foi cantada, rindo muito, mas sem fazer barulho). Tá na hora de dormir... e na cama fazer xixi!

TECA: Tá na hora de ir pra cama... e brincar de fazer lama...

BETO: Vou fechar a porta.

MÃE: (Voltando). Vocês fecharam a porta?

BETO: A luz tá incomodando para dormir.

MÃE: Mas você sempre pediu para a porta ficar encostada!

BETO: É. Antigamente!

TECA: Boa noite!

PEDRO: Tá na hora de dormir... (A mãe sai. Os três continuam fazendo variações sobre a música. A mãe volta com um copo d'água na mão).

BETO: O que foi agora? (A mãe estende o copo, oferecendo-o às crianças).

TODOS: Boa noite! (A mãe sai. Continuam a improvisação).

MÃE: (Volta com o revólver na mão). Beto, eu pensei melhor e acho que não fiz bem em esconder o revólver. Toma, se você gosta tanto, meu querido. (Estende-lhe o revólver).

BETO: Eu não quero mais. Dá pro Pedro.

Beto e Teca

Texto de Volker Ludwig e Birger Heymann
Tradução de Renato Icarahy

PEDRO: Eu também não quero. Pode guardar. A gente tá brincando de uma coisa muito melhor.

TECA: Fica com ele! Assim você pode brincar de bang-bang.

MÃE: Não se faça de engraçadinha!

BETO: Manhé!

MÃE: O que, Beto?

BETO: Deixa a gente dormir?

MÃE: Já vou... (Sai. As crianças continuam a cantar. A mãe volta). Eu queria só perguntar se o Pedro tem que sair na mesma hora de vocês.

PEDRO :Tenho.

MÃE: Tá bem, obrigada.

PEDRO: De nada.

BETO: Mãe, você vai perder o filme. Não precisa ficar com medo não, viu? A gente tá aqui.

TECA: A gente não vai mais sair hoje.

MÃE: Vocês têm cada uma! (Toca a campainha). Deve ser o seu pai que veio trazer a mochila. (Sai).

PEDRO: O que é que ela tem?

TECA: Ela tá com inveja, porque nós somos três e ela tá sozinha.

PAI: (Entra, desconfiado). Então, já vão dormir? Pedro, toma sua mochila.

TECA: Ei! Você quer dormir com a mamãe?

MÃE: (Que acaba de entrar com um revólver na mão). Teca!

PAI: (Vira-se e se assusta com o revólver, levantando as mãos ao alto). O que é que a senhora tá fazendo com este revólver, dona?

MÃE: Eu queria lhe devolver. É o revólver do Pedro.

PAI: Então dá pra ele!

MÃE: Mas eles não querem mais!

PAI: Como assim? Será que eles estão doentes? (As crianças se levantam).

BETO: Vai embora! Já tá tarde!

TECA: Será que a gente pode dormir? (Eles expulsam os pais, fecham a porta e fazem uma roda, cantando a música "Que tal ser meu amigo").

Música: Que tal ser meu amigo?

Quem é você?
O que faz você?
Por que você ri de mim?
Queria saber o seu nome
O seu time ou qualquer coisa assim?

Que cara é essa?
Pra que tanta pressa?
Por que me olha assim?
Queria poder perguntar
Por que ce não gosta de mim?

Que tal ser meu amigo? (Que tal?)
Brincar junto comigo,
Ser meu camarada!
E não ter mais medo,
E não ter mais medo,
Não ter mais medo de nada.

FIM

Obs.

Texto escrito em 1978.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br